

RACISMO E OS PADRÕES DE BELEZA: ENTENDENDO A DIVERSIDADE DOS CABELOS ATRAVÉS DA QUÍMICA

Karen Carlson Gomes¹
Beatriz Campelo Felix Silva²
Gabriela Salomão Alves Pinho³

RESUMO

Este relato busca apresentar as experiências vivenciadas por bolsistas do Programa de Residência Pedagógica - CAPES, do curso de Licenciatura em Química do IFRJ - campus Duque de Caxias, residentes no Colégio Estadual São Bento, localizado no Gramacho, Baixada Fluminense do Rio de Janeiro, propondo relacionar o conteúdo programático da disciplina, ligações químicas e um debate sobre o racismo. Desta maneira, em dois tempos de aula, foram abordados os diferentes tipos de cabelo, relacionando-os com as pontes de hidrogênio e enfatizando a diversidade existente na textura e no formato dos fios – incluindo cabelos crespos, cacheados, ondulados e lisos, foram citados também os procedimentos estéticos que visam modificar a estrutura dos fios associando com as ligações iônica e covalente, problematizando os motivos pelos quais as pessoas alisam, salientando o reflexo do racismo estrutural na sociedade. Com isso, foi possível introduzir o conceito de ligações químicas por meio da prática de ensino antirracista, utilizando a metodologia problematizadora como recurso norteador das discussões sobre o assunto em sala. Diante do exposto, no final da aula, foi aplicado um formulário com o objetivo de obter um feedback dos alunos com enfoque no entendimento de que a química é um assunto diverso e possivelmente relacionável com temáticas do cotidiano, além de fomentar a memória e relação dos casos de racismo apresentados durante a aula com o protagonismo dos alunos sobre as questões, afinal, um ambiente escolar inclusivo é feito de pessoas inclusivas.

Palavras-chave: Residência-Pedagógica, educação antirracista, ensino de química,

¹ Graduanda do Curso de Licenciatura em Química do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro - IFRJ, karencarlson@gmail.com;

² Graduanda do Curso de Licenciatura em Química do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro - IFRJ, beatrizcampelo2206@gmail.com;

³ Professora, pesquisadora e extensionista do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro - IFRJ campus Duque de Caxias. Doutora em Psicologia pela PUC Rio. gabriela.pinho@ifrj.edu.br

INTRODUÇÃO

A partir dos anos 2000, foi possível notar uma tendência nas produções acadêmicas na área de Ensino de Química e de Ciências em relação à abordagem CTS (Ciência, Tecnologia e Sociedade), por conseguinte, observou-se também nas salas de aula (LINSINGEN, 2007). No recorte do ensino médio, é de suma importância a abordagem CTS, pois promove a alfabetização científica e tecnológica aos alunos, como também constrói o pensamento crítico acerca de questões sociais e os informar cientificamente sobre questões ambientais e afins, estimulando-os a tomar decisões responsáveis no dia a dia (SCHNORR; RODRIGUES, 2014).

Associado às CTS, a lei 10.639 — publicada em 2003, inclui no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática História e Cultura Afro-Brasileira no âmbito de todo o currículo escolar, porém, práticas de ensino Étnico-Raciais ainda são pouco presentes em sala de aulas e nas metodologias em Ensino de Química. (MASSI, *et al.*, 2019). Segundo Trindade,:

[...] Os conteúdos são uma rica via de passagem do racismo, que tem no "saber universal", nos conhecimentos acumulados pela humanidade seu principal aliado, em nome do progresso, do desenvolvimento da Ciência e da democratização da escola e da sociedade. Poucos educadores perceberam que esse universal e essa humanidade se confundem com o saber dominante e com a matriz cultural do "colonizador", talvez porque esses mesmos educadores, mesmo progressistas, sejam reprodutores da visão de mundo eurocêntrica, "pensam sempre a 'educação para todos' como a extensão das elites. (1994, p. 75).

Portanto, é necessário repensar os *saberes docentes* visando refletir sobre as escolhas de temas e autores que vêm sendo feitas durante o planejamento anual de aulas alinhado ao público alvo, e para além disso, pensar nas dimensões de raça, preconceito e seus atravessamentos enquanto fator determinante para a possibilidade de permanência ou evasão desse aluno da escola, afinal Sueli Carneiro afirma:

[...] Penso que os índices de evasão, por exemplo, refletem, sim, formas de exclusão/expulsão. Eles demonstram a dificuldade de ajustamento de parte dos estudantes negros àquelas normas que, em relação à sua racialidade, estão postas na escola. São, por exemplo, as que passam pelas suspeitas veladas ou explícitas em

relação à sua educabilidade, à subordinação racial que se refletem nos instrumentos didáticos e conformam a sua identidade no espaço escolar, às humilhações raciais que são parte da sociabilidade nesses espaços e que professores reagem, freqüentemente, com impotência ou indiferença [...]. O abandono, ou o desempenho negativo no ambiente escolar; poderia estar a refletir a condição de “incorrigíveis”, de parte do alunado negro, no sentido de não dispor de recursos, em particular emocionais, para conformarem-se aos processos de fixação/sujeição presentes na escola.

Dada à importância da representatividade afrocentrada enquanto protagonista para alunos pretos, podemos dizer que o racismo costuma ser associado também a outros traços físicos que não somente a cor da pele como por exemplo o tamanho do nariz, formato da boca e curvatura do cabelo, sendo o último apontado como a característica mais marcante do que a própria cor quando comparado aos povos oriundos da África em si (FREYRE, 2006). Assim sendo, as bolsistas do programa de Programa de Residência Pedagógica - CAPES, do curso de Licenciatura em Química do IFRJ - campus Duque de Caxias, Beatriz Campelo Felix Silva e Karen Carlson Gomes propuseram para as turmas 1003 e 1007 do Colégio Estadual São Bento — localizado no Gramacho, Baixada Fluminense do Rio de Janeiro uma aula de Química relacionando os conteúdos de ligações químicas e diversidade capilar com o recorte de raça atrelado.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

Seguindo a BNCC (Base Nacional Comum Curricular) - dentro da competência EM13CNT202, destinada para o 1º do Ensino Médio Regular, em relação ao ensino de Ciências da Natureza, buscou-se lecionar o conteúdo programático Ligações Químicas pautado na educação antirracista. De tal maneira, foi escolhido o tema gerado ‘Racismo e os padrões de beleza: Entendendo a diversidade dos cabelos através da Química’,

A aula foi ministrada no período de 2 tempos, somando 100 minutos, e iniciou com a apresentação de uma reportagem atual selecionada previamente, onde relatava uma situação de racismo por conseguinte do tipo de cabelo. Dessa forma, os alunos foram indagados acerca da circunstância, estimulando-os a compartilhar experiências pessoais e suas percepções, contudo, o debate foi mediado pelas residentes, com o objetivo de promover reflexão sobre a

problemática exposta. Nesse sentido, durante o debate algumas perguntas foram feitas à turma, como por exemplo:

1. Por que ainda vemos notícias tão recorrentes como a desses casos?
2. O que você acha que causa isto?
3. Você acha que sempre foi assim ou vem aumentando com o tempo? Por que?
4. Além da cor de pele, você acha que também há preconceito em relação ao tipo de curvatura do cabelo?

Na segunda parte da aula, com o suporte de slides foi apresentado os variados tipos de curvaturas de cabelo, e as ‘partes do fio de cabelo’ — sendo, cutícula, córtex e medula, pois a partir disto deu-se o link entre o tema gerador e o conteúdo programático. Em dado momento, foi explicado que a diversidade dos cabelos são consequência das ligações químicas presentes em cada parte do fio, com o intuito de dar ênfase na pluralidade como natural e ratificando a alfabetização científica.

Contudo, deu-se enfoque às ligações de hidrogênio e ligações iônicas, assim sendo, descreveu-se o conceito químico e correlacionou-se em como atuam no cabelo. Através dessas ligações, comentou-se acerca de alisamentos por fontes de calor e por produtos químicos, destacando a diferença da ação no fio de cabelo e ressaltando sobre os motivos de um ser reversível e o outro definitivo. Além disso, apontou-se o fato de diversas pessoas alisarem os cabelos por décadas, por conta da pressão imposta pela sociedade estruturalmente racista, bem como a quebra desse paradigma de alguns para cá, onde é possível notar muitas pessoas com cabelo crespo assumindo a curvatura natural.

Na terceira e última etapa da aula, foi proposto aos alunos que respondessem um questionário pelo Google Forms respondendo às seguintes perguntas:

1. Quão importante é falar de racismo na sala de aula para você?
2. Para você ainda existe preconceito em relação ao cabelo afro no Brasil?
3. A negação da beleza negra faz parte do racismo, para você qual a importância dos movimentos valorizando o cabelo crespo?
4. Você conhece alguém que teve que fazer algo (cortar, alisar...) para mudar o cabelo por conta de um emprego?

5. Cite uma frase relacionada a cabelo que você considere racismo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Compreendendo que cada turma é singular, notou-se diferentes interações e respostas entre elas durante as etapas supracitadas da aula. Portanto, no que se refere a turma 1007, no geral, foi observado que os alunos estavam engajados, visto que, assim que foi apresentada as manchetes do jornal apontando o racismo sofrido por pessoas por conseguinte do tipo de cabelo, muitos demonstraram indignação, bem como relataram situações semelhantes que observaram em diversos ambientes, tanto com pessoas da própria família, como com conhecidos e famosos. Desta forma, foi possível construir um momento de diálogo, abordando como a história do nosso país é marcado por racismo, e até nos dias de hoje é perceptível a estrutura racista da sociedade, mesmo em singelas situações, quando caracterizam um cabelo dizendo ser “duro” ou “ruim”, ou mesmo ter que se adequar a um padrão — historicamente branco, para conseguir um emprego, por exemplo. Portanto, entende-se o diálogo como imprescindível na educação, pois só há aprendizado se existir comunicação em sala de aula (FREIRE, 1996), logo, é fundamental fomentar a curiosidade dos estudantes, apresentar fatos históricos e atuais, estimular o pensamento crítico, mediar discussões acerca de temas relevantes, visando construir conhecimento e contribuir para a formação cidadã.

Já a recepção da 1003 não correspondeu ao esperado, a turma demonstrou ausência de interesse (alguns utilizando celulares) e pouca disposição às tentativas de aprofundamento aos debates, ademais, quando um aluno participava um pouco mais e relatava algum episódio do cotidiano, rapidamente os outros caçoavam e os comentários acabavam fugindo da proposta da aula. Por outro lado, a classe demonstrou bastante familiaridade com o racismo, onde mais de 70% relatou durante a discussão já ter sofrido pelo menos 1 vez. No mais, através da assimilação em relação à em que parte do cabelo as ligações de hidrogênio e iônicas estão, bem como, o que é necessário fazer para ocorrer a ‘quebra’ dessas ligações, os discentes entenderam sobre a diferença de intensidade das ligações. Como também, foi enfatizado como essas ligações são formadas, mencionando os elementos e grupos da tabela periódica que estão relacionadas. À vista disso, infere-se a melhor compreensão do conteúdo da aula, como resultado da contextualização da química com situações do cotidiano.

Ademais, sobre o questionário aplicado, em que os alunos responderam voluntariamente, obteve-se exatamente 13 respostas de alunos da 1003 e 13 da 1007, totalizando 26 respostas, salvo que cada turma tem em média 35 alunos, obteve-se retorno de apenas $\frac{1}{3}$ ambas as turmas. De modo geral, no grupo 92,3% assinalaram como importante falar sobre racismo na sala de aula, e 7,7% como indiferente, como 80,8% afirmaram acreditar relevante relacionar a disciplina de Química com as problemáticas da sociedade e 19,2% votou o contrário. Nesse sentido, infere-se que a maioria entende como pertinente abordar essa problemática. Já sobre conhecer alguém que teve que mudar o tipo de cabelo para se adequar ao trabalho, 65,4% disseram conhecer, e 34,6% não.

Os alunos também escreveram frases que costumam ouvir sobre o cabelo crespo e cacheado e consideram ser preconceituosas, nessa perspectiva destacam-se os seguintes exemplo: "Tenho o cabelo bom, diferente do seu cabelo duro"; "cabelo cacheado tem aparência de sujo"; "Me emprestar pra eu lavar a louça"; "pão careca"; "se passar o pente nesse cabelo duro, ele quebra!"; "Neguinha de cabelo duro". Contudo, ressalta-se as ofensas proferidas nessas frases e adjetivos, e como ainda é presente o preconceito à características de pessoas afrodescendentes. Logo, constata-se a importância da prática de uma educação antirracista, visando desconstruir preconceitos e combater este tipo de conduta da sociedade.

Neste questionários os alunos também foram indagados sobre a negação da beleza negra, por consequência do racismo e a opinião acerca da histórica discriminação do cabelo crespo, neste uma minoria respondeu não saber o motivo, e grande parte discutiram sobre isso ocorrer por consequente da escravidão, sendo resquícios de toda história do Brasil. Bem como, muitos alunos disseram ser pelo padrão branco imposto na sociedade que diz que o cabelo afro é feio, sujo, diferente e por conta do volume característico. Em suma, notou-se como este determinado grupo após as informações apresentadas e discutidas em sala e seus conhecimentos prévios conseguiram relacionar o padrão de beleza da sociedade brasileira e todo processo histórico que influencia, e principalmente o racismo presente, mesmo nos dias atuais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em síntese, essa proposta de aula que foi aplicada a turmas do 1º ano do Ensino Médio, tem como fundamento a educação antirracista, e objetivou-se em debater o padrão de beleza historicamente presente no Brasil e que permeia a sociedade até os dias atuais. Através desta situação, onde o enfoque foi os diferentes tipos de cabelo, foi possível através do

diálogo, construir pensamento crítico baseado em fatos e evidências e refletir as situações atuais observadas e vivenciadas pelos alunos.

Contudo, os alunos também construíram conhecimento na área da química, como é suposto para uma aula de Química e dentro das competências e habilidades propostas pela BNCC. Bem como, a associação da Química com a educação antirracista representa uma abordagem importante para promover a diversidade e a inclusão no Ensino das Ciências. De tal maneira, contribui para a formação de estudantes conscientes e críticos.

Palavras-chave: Residência-Pedagógica, educação antirracista, ensino de química, diversidade, padrões de beleza

REFERÊNCIAS

AULER, Décio. INTERAÇÕES ENTRE CIÊNCIA-TECNOLOGIA-SOCIEDADE NO CONTEXTO DA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE CIÊNCIAS. 2002

BRASIL. Ministério da Educação. BASE NACIONAL CURRICULAR COMUM. Brasília, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>

CARNEIRO, Aparecida Sueli. A CONSTRUÇÃO DO OUTRO COMO NÃO-SER COMO FUNDAMENTO DO SER. 2005. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005. Acesso em: 06 dez. 2023.

COSTA, Ana Luísa Saraiva. PADRÕES DE BELEZA E RACISMO NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DE MULHERES NEGRAS. 2018. TCC – Universidade Federal do Maranhão

FREIRE, P. PEDAGOGIA DA AUTONOMIA:: SABERES NECESSÁRIOS À PRÁTICA EDUCATIVA. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HITA, Maria Gabriela *et al.* Raça, racismo e genética em debates científicos e controvérsias sociais. EDUFBA, 2017. Acesso em: 06 dez. 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/32042>

NOGUEIRA, Oracy. Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem: sugestão de um quadro de referência para a interpretação do material sobre relações raciais no Brasil. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. Acesso em: 06 dez. 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ts/a/MyPMV9Qph3VrbSNDGvW9PKc/?format=pdf&lang=pt>

GOMES, Nilma Lino. Sem perder a raiz: Corpo e cabelo como símbolos de identidade negra. Autêntica. 2006.

STRIEDER, Roseline Beatriz. Abordagens CTS na educação científica no Brasil: Sentidos e perspectivas. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. Acesso em: 06 dez. 2023. Disponível em:

https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/81/81131/tde-13062012-112417/publico/Roseline_Beatriz_Strieder.pdf

TRINDADE, Azoilda Loretto. O Racismo no Cotidiano Escolar. 1994. Acesso em: 06 dez. 2023. Disponível em: <https://repositorio.fgv.br/server/api/core/bitstreams/142dc6b2-f60d-4c99-8a37-f450b5ad4d29/content>

MASSI, Luciana *et al.* Propostas de Ensino de Química focadas nas Questões Étnico-Raciais: uma experiência na licenciatura e seus desdobramentos para o nível médio. 2019. Acesso em: 06 dez. 2023. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.21577/0104-8899.20160203>

CAVALLEIRO, E. *et al.* Racismo e Anti-Racismo na Educação: Repensando nossa Escola. Selo Negro Edições. 2001. Acesso em: 06 dez. 2023. Disponível em: https://books.google.com.br/books/about/Racismo_e_anti_racismo_na_educa%C3%A7%C3%A3o.html?id=i-R8vRCbQh8C&printsec=frontcover&source=kp_read_button&redir_esc=y

FREYRE, Gilberto. Casa-grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. São Paulo: Global, 2006.